

VIAJANDO PELA ÁFRICA E CONHECENDO O BRASIL: OS DESAFIOS NO PERCURSO DE IMPLANTAÇÃO DA LEI 11645/08 NOS ANOS INICIAIS

MARIA CLÁUDIA DE OLIVEIRA REIS FERRAZ (CAP-UERJ), MÔNICA REGINA FERREIRA LINS (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO).

Resumo

Esta comunicação é resultado da ação-reflexão de um grupo de pesquisa que vem se constituindo no Departamento de Ensino Fundamental dos Anos Iniciais do CAP-UERJ, voltado para a inclusão da temática racial no currículo desse segmento de ensino e com base na Lei 11645/08 que instituiu a obrigatoriedade do Ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira e Indígena na escola básica. Pretendemos relatar a experiência de leitura, vivida por um grupo de estudantes do quinto ano de escolaridade, em 2008, com o livro "Um passeio pela África", de Alberto da Costa e Silva. Nesse "passeio", foi possível identificar a existência das imagens eurocêntricas que permanecem nas leituras que as crianças fazem do continente africano e de suas diferentes culturas, revelando um imaginário ainda permeado pelo modelo das relações escravistas. Essa experiência de leitura partiu do objetivo de estudar um pouco a História do Brasil através de um passeio, não só literário, mas histórico e geográfico, por algumas regiões e países da África, num movimento de reconhecimento das semelhanças e das diferenças existentes entre nós e a nossa terra-irmã: sua geografia, seu povo, suas crenças, suas tradições e seus conflitos. Nessa leitura itinerária, os estudantes foram instigados a pesquisar o continente negro para além das fronteiras das páginas do livro, revelando, nesse movimento de estudo, os desafios que se apresentam a nós, professoras-pesquisadoras, na construção de uma educação das relações étnico-raciais.

Palavras-chave:

Ensino, História da África, educação étnico-racial.

Viajando pela África e conhecendo o Brasil: os desafios no percurso de implantação da Lei 11645/08 nos anos iniciais

Maria Cláudia de Oliveira Reis Ferraz (CAP-UERJ)

Mônica Regina Ferreira Lins (CAP-UERJ)

"...adolescente, me convenci de que a escravidão fora o processo mais importante de nossa história e que, como o escravo não nascia no navio negreiro, se impunha conhecer a África, se queríamos entender o Brasil."

Alberto da Costa e Silva

O presente trabalho tem como objetivo compartilhar um pouco da experiência e dos desafios que se apresentam a um grupo de professores do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ) que vem acumulando projetos e reflexões voltados para o ensino da História e da Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. O referido grupo, do qual fazemos parte, mantém como uma das suas principais propostas investigativas o processo de inclusão no currículo dos anos iniciais o atendimento aos aspectos da Lei 11645/08, que institui a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena, nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados. Nosso movimento de pesquisa-ação tem procurado garantir no espaço do currículo dos anos iniciais uma educação das relações étnico-raciais, considerando os princípios da Lei em questão.

Entendemos que a Lei é um desafio, pois trata de questões curriculares que evidenciam contradições e conflitos existentes na escola e no mundo acadêmico, questiona e desconstrói saberes históricos eurocêntricos que ainda hoje funcionam como orientadores de uma concepção estereotipada do negro e do índio, ainda presente em alguns livros didáticos.

Consideramos como uma tarefa pedagógica o enfrentamento do etnocentrismo e das perspectivas eurocêntricas de interpretação da realidade brasileira e a desconstrução de mentalidades produzidas por esses tipos de visões históricas da África e dos afro-brasileiros consolidadas nos diferentes espaços de produção de saberes e subjetividades. Nossas práticas precisaram atravessar as diferentes áreas do conhecimento não apenas reconhecendo a diferença afrodescendente e indígena, mas ressignificando as relações étnico-raciais inseridas nos conteúdos. Dentre as experiências elegemos para apresentar neste texto parte de um projeto de trabalho chamado “Trem do samba: cantando e contando o Brasil” desenvolvido com estudantes do 5º ano de escolaridade. A escolha de Cartola como personagem principal do nosso Projeto de Trabalho, que em 2008 completava 100 anos de seu nascimento, justificava-se pela sua história de luta, de superação de dificuldades e de inserção ativa enquanto indivíduo na sociedade através da produção intelectual e cultural. Em História e Geografia trabalhamos o Estado do Rio de Janeiro, com suas culturas, personagens e um breve retorno a uma de nossas raízes civilizatórias: a África.

A partir desse enfoque mais geral do projeto realizamos a leitura do livro *Um Passeio pela África*, de Alberto da Costa e Silva, que conta a história de três crianças brasileiras que se aventuram numa viagem pelo continente africano, atravessando o Saara e passando por cidades como Tombuctu, Gao, Kano, Ifé, Lagos, Luanda, Namibe, Acra, Bissau e Dacar. Uma história que busca apresentar ao público infanto-juvenil uma visão da África que foge ao cenário tão característico das situações de miséria, guerras e degradação humanas, como se esta fosse a única paisagem da África a ser conhecida. Ao contrário, o autor procurou apresentar um olhar pouco costumeiro sobre o continente negro, evocando os espaços

sagrados, os diferentes costumes e tradições que constituem uma parte significativa de nossas origens, já que o Brasil abriga o maior número de afro-descendentes no mundo fora da África - são aproximadamente 92,7 milhões de pessoas negras, pardas e mestiças, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[1].

Cada aluno tinha o seu livro e como desdobramento estudaram os diferentes países e regiões do continente africano. Pesquisaram individualmente tentando ir além do que o texto literário apresentava-lhes e compartilharam em seus grupos de trabalho suas descobertas, traduzindo com novas imagens e textos “Um passeio pela África” através de uma exposição em forma de seminário na semana da Jornada Científico-Cultural da escola[2]. Em nossa avaliação o conteúdo literário produzido pelo autor permitiu aos estudantes a construção de um olhar e de um conhecimento da África diferentes dos emblemas da pobreza e da desgraça tão conhecidos por nós das notícias e dos documentários humanitários, que retratam uma realidade africana espartilhada e saqueada pelos séculos de colonialismo europeu. Consideramos que contar a história da África somente a partir dos resultados da sua invasão pelo colonizador, significa apenas contar o pior lado dessa história, ainda que seja um lado a ser denunciado.

Por outro lado, priorizar a história da África e dos africanos a partir da realidade do cativo seria desconsiderar a identidade anterior de liberdade e reforçar a ideia da condição de escravo como a única condição histórica e identitária dos africanos; imagem bastante enfatizada ainda em boa parte dos conteúdos dos livros didáticos de História para os anos iniciais. Como afirma Manollo Florentino, em depoimento especial à Follha Online[3]:

(...)aqueles que por séculos a fio desembarcaram nos portos coloniais eram, antes que nada, minas, cabindas, quiloas, rebolos, cassanjes, moçambiques e demais - experiências que nada indicam haver fenecido sob a rubrica jurídica de "escravo".

Por isso, a grande lacuna da historiografia brasileira deriva de tomar o escravo africano unicamente a partir de seu desembarque nos portos brasileiros, procedimento que tem ensejado a apresentação de soluções algo artificiais a intrincados problemas de nossa história - especialmente os relativos à nossa identidade.

O “passeio” pelos capítulos da história do livro nos levou a perceber que ainda havia muito a ser conhecido naquela viagem. Essa percepção nos levou para uma rota literária, histórica e geográfica em direção à África, para além das páginas do livro de Alberto da Costa e Silva. Recorremos a outros livros, a outras fontes que permitiram realizar um estudo um

pouco mais amplo, num movimento de reconhecimento das semelhanças e das diferenças existentes entre nós e a nossa terra-irmã, suas crenças e tradições, seus povos e seus conflitos.

A opção por apresentar os resultados do estudo em forma de seminário, foi uma escolha dos próprios estudantes, que já tinham experimentado a mesma metodologia quando realizaram um estudo sobre o movimento abolicionista no Brasil. Após assistirem a um vídeo-expedição sobre a história da abolição, os alunos manifestaram o desejo de aprender um pouco mais sobre a vida daqueles personagens que também contribuíram, como sociedade civil organizada, para o processo de conquista da liberdade dos afrodescendentes, juntamente com o movimento rebelde dos quilombos. Conseguiram fazer a leitura de que aquela história não poderia ser lida apenas a partir da promulgação da Lei Áurea, mas a partir dos quilombolas, aliado às ações de cidadãos rebeldes como, por exemplo, Luís Gama, José do Patrocínio e André Rebouças.

Dessa experiência significativa vivida pelos alunos, a partir dos estudos sobre a abolição, surgiu então o interesse de compartilhar as diferentes leituras da África, feitas por eles, a partir do livro de Alberto da Costa e Silva e, para além do livro, com a produção e a apresentação do seminário *Um Passeio pela África* elaborado pelos estudantes.

Levantaremos diferentes depoimentos escritos pelos estudantes ao longo dos estudos realizados até a apresentação do seminário incluindo a leitura do livro e o trabalho de pesquisa para, a partir dessa experiência de leitura feita pelos estudantes, perceber que outras leituras surgem sobre o continente africano. Os depoimentos escritos pelos estudantes vão desde o registro da opinião pessoal sobre a leitura do livro, até o momento posterior à apresentação do seminário. Na primeira situação de análise da produção escrita, buscamos nos depoimentos sobre a leitura do livro identificar os conhecimentos e as imagens da África que os estudantes puderam construir até aquele momento. Em segundo lugar, apresentamos os depoimentos escritos após a pesquisa e a apresentação do seminário, onde tentam estabelecer algumas comparações entre o lugar onde vivem e a África, ou seja, as diferenças e as semelhanças entre as terras irmãs. Por último, apresentamos as opiniões sobre o porquê estudar a África na escola.

O texto literário representou a passagem para que as crianças desenvolvessem níveis possíveis de argumentatividade a partir de uma temática que gerou polêmicas e até expressões de um determinado senso comum sobre o que pensavam sobre a África. Não havia, de um modo geral, a finalidade de que escrevessem seus depoimentos como forma de convencer ou influenciar o interlocutor. O depoimento exerceu o papel, para os estudantes, de expressar idéias e formar-se com o outro, mas também posicionar-se a respeito do que o

colega escreveu. Outro objetivo foi o de construir no coletivo uma postura de maior autonomia e estabelecer relações entre os conteúdos trabalhados nas/pelas diferentes áreas de estudo, desenvolvendo um olhar crítico e curioso para com o conhecimento.

Vejamos como alguns depoimentos escritos[4], sobre a experiência de leitura do livro, foram revelando as possibilidades de se conhecer a África pré-diáspora:

“Durante o primeiro capítulo, eu descobri que a África não mostra apenas pobreza, fome, sofrimento e dor... mas sim muitas coisas boas... Descobri que na África tem imensos campos e florestas... com alguns grandes rios, tem muitos jacarés e altíssimas árvores. Os tuaregues que são um povo nômade, ou seja, um povo que não tem moradia fixa, que viaja muito pelo Saara. Um exemplo: se você viajar pelo Saara e seguir um caminho errado, você pode passar dias sem beber água.” (A.A., 10 anos de idade – estudante do 5º ano)

“...é um livro muito legal... além de ensinar sobre a África antiga é recheado de aventuras. Eu aprendi que o deserto do Saara é um dos maiores do mundo e algumas culturas africanas como os mais velhos serem feiticeiros, comidas típicas e as casas de barro, que são incríveis...algumas batalhas antigas que tiveram...” (L.T., 10 anos de idade - estudante do 5º ano)

“Tombuctu já era importante desde o século XIII (comercialmente). Um século depois foi idealizada como centro de saber muçulmano. Lá também ficavam as caravanas que trocavam sal por ouro e, graças a isto, no sul do Saara foi criado um lugar chamado por eles de Bilad Al-Sudan (país dos negros).” (Y. P., 10 anos de idade - estudante do 5º ano)

O depoimento inicial dos estudantes parece demonstrar o reconhecimento de que a história de uma de nossas matrizes formadoras não é apenas composta de exotismo, violência e miséria; ou dos “três Ts” (Tarzan, tribo e tambor), como ensina o professor José Maria Nunes Pereira[5]. Ao contrário, as informações apresentadas nos relatos indicam uma história africana bem diferente dos conteúdos e imagens ainda presentes nos materiais didáticos das

escolas, que enfatiza a condição de cativo dos africanos e de uma herança cultural folclorizada apenas em torno do samba e das crenças religiosas.

O movimento de leitura inicial dos estudantes parecia contribuir para o reconhecimento de que aqueles que para cá foram trazidos, numa das piores tragédias de seqüestro humano, por séculos a fio, trouxeram em suas memórias, antes mesmo da situação de cativo, um patrimônio histórico-cultural material e imaterial essencial na construção e compreensão da nossa própria identidade histórica uma identidade apartada, um tanto desconhecida e silenciada em suas origens.

Seus relatos correspondiam ao objetivo de se pensar a literatura nos anos iniciais como *lugar de memória* e como fonte histórica, que indica e valoriza as nossas origens africanas a partir das lembranças dos nossos antepassados e de suas histórias milenares, em que os africanos aparecem como civilizadores e não como simples mão-de-obra, outrora torturada e silenciada na obscuridade das senzalas.

O projeto também tentou resgatar os heróis proscritos, que durante décadas foram entregues ao esquecimento e essa reabilitação do passado surge em contraposição e em reparação aos anos de história negada e silenciada. Faz-se necessário indicar a valorização cultural de nossas origens africanas, das lembranças dos antepassados oriundos da África, como uma das formas de luta contra o racismo. A memória representa também a escolha do que queremos lembrar. O que ficou marcado em nossas lembranças é um elemento da identidade, da percepção de si e do outro e a literatura e variados tipos de texto podem contribuir para a formação da auto-imagem da criança.

Conhecendo o Brasil num breve passeio pela África: semelhanças e diferenças

A opção de “viajar” com Alberto da Costa e Silva, um dos maiores especialistas em assuntos africanos, não foi apenas uma proposta para o exercício do imaginário ou uma didatização da literatura, mas representou a possibilidade de que as crianças tivessem o contato com uma narrativa que classificaremos como literatura de viagem. A historiografia brasileira e mundial pode se servir das descrições realizadas pelo heterogêneo conjunto de registros fabulosos feitos por viajantes de diferentes lugares do mundo ao longo dos séculos, ainda que envolvida pelo perspectiva eurocêntrica da época. Alguns escritores, chamados de “viajantes”, do período oitocentista já escreviam sobre as diversidade da população negra que circulava na cidade do Rio de Janeiro. Rugendas (1940) escrevia sobre o que chamava de diferentes tribos de negros que circulavam pela cidade e chegou a afirmar que o Brasil era o

único lugar da Terra em que era possível observar as diferentes raças africanas sem precisar fazer viagens longas e perigosas à África.

Com a “viagem” que Costa e Silva nos proporcionou pode-se perceber um ângulo diferenciado da África em sua geografia, seu cotidiano e sua cultura. Assim, após os estudos que envolveram a turma na elaboração e na apresentação do seminário, outro tipo de depoimento foi solicitado. Dessa vez puderam registrar as semelhanças e/ou as diferenças entre o Brasil e os diferentes lugares da África que foram pesquisados.

Os estudantes conseguiram fazer as seguintes leituras em breves “passeios”:

“Lá existem ruas e casas como aqui no Rio de Janeiro e Salvador. Algumas mensagens que ficam na porta das casas, até são em português. O bairro Brazilian Quarter tem características semelhantes às do Brasil e o trânsito em alguns lugares chega a ser maior que o de São Paulo.” (Y.P., 10 anos – 5º ano. Sobre o Brazilian Quarter, em Lagos, antiga capital da Nigéria)

“As línguas são diferentes, o preconceito, a economia e a moeda. A semelhança é a solidariedade.” (L.S., 10 anos - 5º ano. Sobre os Sobre os Impérios de Mali e de Songai)

“As pessoas se vestem diferentes, porque as mulheres lá se vestem com um vestido longo... os costumes são diferentes, as moradias são iguais, lá em Ifé tem casas e apartamentos e as crenças são iguais, porque quando escravizaram algumas crenças vieram para o Brasil.” (T.A., 11 anos – 5º ano. Sobre a cidade sagrada de Ifé)

“As moradias são diferentes, as condições de vida são diferentes... e as paisagens são um pouco diferentes. Nas crenças são quase iguais.” (V.B., 10 anos - 5º ano. Sobre a República Democrática do Congo)

“Na África tem muito deserto e no Brasil não tem. Angola é muito pobre e o Brasil não é tão pobre. A língua oficial de lá é o português, mas eles também falam outras línguas.” (Y. M., 10 anos - 5º ano. Sobre Angola)

“A África tem uma beleza exuberante , mas é muito pobre. O Brasil também é muito bonito e pobre, mas não tão pobre quanto a África.” (P.C., 10 anos – 5º ano. Sobre a época do ouro em Tombuctu.)

Podemos perceber que as crianças perceberam as estreitas conexões históricas, sociais e culturais entre Brasil e o continente africano. Além disso, ocorreu a percepção de uma outra África que existe e existiu além do imaginário do senso comum quando se diz “ (...)o trânsito em alguns lugares chega a ser maior que o de São Paulo.” ou “(...) as moradias são iguais, lá em Ifé tem casas e apartamentos (...)”. Ou seja, diferente das imagens reproduzidas nas mídias e nos livros didáticos, surge entre as crianças outras possíveis visões. Entretanto, não deixa de chamar atenção a presença dos estereótipos dominantes: “A África tem uma beleza exuberante, mas é muito pobre”. Mas estas contradições, imagens que podem desconstruir imaginários estereotipados e o senso comum produto do silêncio histórico e estigmatizantes, surgem quando levantamos a questão das razões para conhecer a história da África.

Por que conhecer a História da África?

“Acho muito importante, pois a África passa muita necessidade, às vezes é preciso entender sobre o planeta onde você vive, e não pensar que somente exista luxo. Países como Egito, Nigéria, Angola são conhecidos lugares de grandes monumentos, com um time de futebol, porém, do mesmo jeito possuem dificuldades financeiras.” (Y. P., 10 anos – 5o ano)

*“Aprendi que a África é uma grande nação, com vários povos e diferentes culturas... é um grande **país** que de lá vieram muitos **escravos**.”* (J. G., 10 anos – 5o ano)

*“Acho importante porque a África é um **país** que tem cultura...”* (J. P., 11 anos – 5o ano)

“Porque é legal saber dos outros países, porque se alguém viajar para lá já vai saber a história.” (Y.M., 10 anos – 5o ano)

*“...acho muito importante saber o que está acontecendo no mundo, a cultura de outros países, seus costumes, ainda mais a África um **país** que nos emprestou tanto de sua cultura impressionante.” (A.B., 11 anos – 5o ano)*

*“...porque conhecer sobre a outro **país** que a gente é preconceituoso com ele é muito interessante...” (V. B. (10 anos) – 5o ano 2008)*

“...é importante saber sobre a África porque lá é muito pobre, pessoas morrem e foi muito escravizado...” (L. T. (11 anos) – 5o ano 2008)

Alguns depoimentos são emblemáticos na perspectiva de homogeneizar um continente inteiro, pois não se percebe de imediato as diferenças, as manifestações culturais localizadas, mas a África como “uma grande nação”, “um grande país”, que até “tem cultura” (surpresa?) no qual são provenientes “muitos escravos”. Ou seja, tudo num contexto único, como se os africanos já fossem escravos e não portadores de histórias, assim como sujeitos de sua própria historicidade e cultura. Outros escritos nos dão algumas pistas de que o senso comum dominante - forjado pelo silêncio histórico e os estereótipos – é construído desde os primeiros anos de vida por outras fontes irradiadoras de cultura e informação: *“...porque conhecer sobre outro **país** que a gente é preconceituoso com ele é muito interessante...”* ou *“...é importante saber sobre a África porque lá é muito pobre, pessoas morrem e foi muito escravizado...”*.

Nossas crianças em idade escolar, assim como grande parte das gerações de historiadores, adentraram à escola com imaginários e noções de que existe uma África sem história, sem homens de carne e osso e quando foram “descobertos” pelos europeus, eram “animistas”, “sem lei e sem governo”, “sem fé”, muito semelhantes aos macacos. O problema da invisibilidade da história africana no ensino médio e fundamental é mais de fundo. A Lei 11.645/2008 que institucionaliza o ensino obrigatório de história e cultura afro-brasileira e indígena corre o risco de se tornar letra morta se o currículo escolar não for efetivamente reescrito e repensado.

Insistimos que o preconceito e os estereótipos não nascem com a criança e a escola é um lugar privilegiado para a ruptura com determinadas visões homogeneizadoras difundidas e praticadas durante anos, produzindo um racismo estrutural que agravou as desigualdades e as injustiças sociais. Desnaturalizar o que vai além dos muros da escola em termos de interpretação da realidade brasileira não é algo possível com projetos isolados dentro da escola, pois as visões de mundo eurocêntricas formaram mais de uma geração. Assim pensar que o currículo precisa ser reinventado porque existe uma dívida da humanidade com a África vai além da política de reparação, mas constitui-se como eixo da criação de novas sociabilidades e novas formas de difusão do conhecimento produzido pela humanidade e que não é de um só povo. Descolonizar a mentalidade construída de que só para alguns o direito à vida deve ser pleno, de que o mundo tem sido para todos e a desigualdade é quase uma escolha dos que não tiveram uma oportunidade no sistema capitalista, representa a possibilidade para aqueles que acreditam que devemos ousar com outra voz contra a institucionalização da discriminação. O debate está aberto e, felizmente, outras práticas, versões e visões se multiplicam.

Referências Bibliográficas:

BARROS, José Flávio Pessoa de. OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Todas as cores na educação: contribuições para uma reeducação das relações étnico-raciais no ensino básico. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

FLORENTINO, Manollo. A herança africana. Folha Online Brasil 500 anos. http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/guia_26.htm.

PEREIRA, Amauri Mendes. Por que estudar a História da África. Rio de Janeiro: CEAP, 2006.

PRUDENTE, Wilson. Políticas de reparação. Rio de Janeiro: CEAP, 2006.

RUGENDAS, Johann Moritz. Viagem pitoresca através do Brasil. São Paulo: Martins, 1940.

SILVA, Alberto da Costa e. Um Passeio pela África. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

TRINDADE, Azoilda L. da. O projeto político da/na escola: capilarizando a temática das africanidades brasileiras. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

[1]<http://www.observatoriosocial.org.br>

[2] A Jornada Científico-Cultural acontece todos os anos no CAPUERJ. Todos os anos de escolaridade reúnem as suas principais produções e apresentam para a comunidade escolar.

[3] Depoimento do autor em especial para a Folha Online Brasil 500 anos: [http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/guia_26.htm]

[4] Optamos por manter preservado o nome das crianças, pois consideramos que muitas delas seriam facilmente identificadas por leitores que fazem parte da comunidade acadêmica que integra o colégio de aplicação onde as crianças estudam. Muitas são filhos e filhas de professores/as e outros/as funcionários/as da universidade.

[5] Professor do CEAA (Centro de Estudos Afro-Asiáticos). Praça Pio X, nº 7 - 10º andar - Centro – RJ. <http://www.candidomendes.br/ceaa/>